
CULTURA VISUAL E ESPAÇO*: LINHA DE PESQUISA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS (OLHO)

*Wenceslao Machado de O. Júnior***

Resumo

Apresentação da linha de pesquisa Cultura Visual e Espaço, do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), indicando as principais referências seguidas nos estudos, escritos e demais criações que se dão nas interfaces (conexões) entre diversos tipos de imagens (cinema, fotografia, quadrinhos, desenhos...) e a educação visual da memória que se dá em nosso mundo contemporâneo, em especial aquelas que atuam nos pensamentos acerca do espaço geográfico. Ao final são listadas algumas das pesquisas em desenvolvimento e alguns dos trabalhos já defendidos.

Palavras-chave: Educação Visual; Imagem; Linguagem; Geografia; Pensamento Espacial

Abstract

Introduction to the line of research Visual Culture and Space from Audiovisual Studies Laboratory (Olho) of the Faculty of Education/ State University of Campinas, Brazil. It implies the main references proceeded in the studies, writings and other makings that occur at interfaces (connections) among several types of images (cinema, photography, comics, drawings...) and visual education memory

* Pesquisadores atuais da linha de pesquisa: Valéria Cazetta, Antonio Carlos Queiroz Filho, Henrique Parra, Ana Maria Hoepers Prevê, Ínia Franco de Novaes, Karen Christine Rechia, Paulo Henrique Barbosa de Andrade, Rodrigo Emanuel Fernandes, Alexandro Sgobin, Elaine dos Santos Soares, Glauco Roberto da Silva, Fernanda Pestana, Guilherme Aparecido Godoy.

** Doutor em Educação. Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte; coordenador da linha de pesquisa Cultura Visual e Espaço, do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). <wences@unicamp.br>.

common in our contemporary world, in special those which act on the thoughts on geographic space. At the end, some developing research and defended studies are listed.

Keywords: Visual Education; Image; Language; Geography; Space Thoughts.

1 A linha de pesquisa

Esta linha de pesquisa do Olho¹ reúne os estudos e pesquisas das interfaces entre as imagens e a educação visual da memória que se dá em nosso mundo contemporâneo, em especial aquelas que atuam nos pensamentos acerca do espaço geográfico. Nesta perspectiva é que são feitos estudos, pesquisas e escritos que configuram geografias múltiplas, a partir de obras da cultura escolar e da cultura extraescolar, tais como o cinema, a fotografia de propaganda, as histórias em quadrinhos, os desenhos feitos por vários grupos sociais, as imagens presentes em *sites* e *blogs*.

Uma das realizações desta linha foi o colóquio A Educação Pelas Imagens e suas Geografias, em novembro de 2009, que gerou dois dossiês com artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros nesta interface.² Ambos os dossiês foram publicados em revistas da Faculdade de Educação da Unicamp, nos anos de 2009 e 2010.

As referências principais do grupo são:

- Gianni Vattimo e sua concepção de realidade como uma trama de narrativas/discursos provenientes de muitos grupos sociais, pessoas e instituições. Jorge Larrosa, outro autor que nos atravessa com frequência, assim resume as ideias de Vattimo:

Se nós fazemos hoje uma ideia de realidade, esta, em nossa condição de existência tardo-moderna, não pode ser entendida como dado objetivo que está por debaixo, ou mais além, das imagens que a mídia nos proporciona. Como e onde poderíamos aceder a uma tal realidade em si? A realidade, para nós, é, antes, o resultado do entrecruzar-se, do contaminar-se das múltiplas imagens, interpretações e reconstruções que competem entre si ou que, de qualquer maneira, sem coordenação central alguma, são distribuídas pela mídia. (LARROSA, 1999, p. 154)

Na busca de aproximações a estas realidades contemporâneas, também

¹ <<http://www.fe.unicamp.br/olho>>; <<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/fontes/detalhegrupo.jsp?grupo=0079708JCENAXV>>.

² Também é importante dizer que na realização destes dossiês tenho tido o apoio de vários pesquisadores da interface Educação e Geografia ou geografia cultural: Gisele Girardi, Jorn Seemann, Cláudio Benito Ferraz, Valéria Cazetta, Maria Helena Braga e Vaz da Costa.

as políticas do sensível de Jacques Rancière e as políticas das ficções de Eduardo Pellejero atravessam nossas preocupações e caminhos.

- Nos dois últimos anos, nos chegaram mais de perto Gilles Deleuze e Félix Guattari. Devagar, as proposições e conceitos deles nos têm levado a pensar e produzir outras maneiras de escrever e conectar as imagens com outras imagens e pensamentos, sobretudo oriundos da literatura, de modo a resistir. Resistência entendida como criação de outras maneiras de existir, de inventar outros possíveis, de criar *percursos menores* em educação. Atualmente, todas as pesquisas têm um eixo de leitura literário, no qual um tema ou autor serve de guia para um percurso leitor que visa a fazer proliferar a imaginação (Gaston Bachelard).

Suely Rólnik e Ana Godoy, duas autoras brasileiras que tomam os escritos e conceitos de Deleuze e Guattari como potencializadores de seus escritos, também cruzam nossos escritos e pensamentos. Na primeira encontramos nossa concepção de processo e política de subjetivação e na segunda, o melhor entendimento da potência do conceito de minoridade como ação política no pensamento, na criação de geografias menores.

- Milton José de Almeida e seu desenvolvimento da ideia de arte da memória (Frances Yates) para o campo da Educação em sua interface com o cinema é quem nos pauta o que chamamos de educação visual da memória. Sob esta ideia, muitas perguntas: “como as imagens estão nos educando a viver e a pensar o espaço geográfico”? “De que maneiras elas nos capturam como seus seguidores”? “O que elas desejam de nós”? “De quais inúmeras maneiras elas configuram a memória do tempo presente, da atualidade”?

- Pier Paolo Pasolini e Andrei Tarkovski são nossos maiores mobilizadores quando se trata de cinema, uma vez que suas concepções de cinema como língua escrita da realidade e como tempo esculpido tem nos ajudado a pensar a permanência das coisas em suas imagens.

Susan Sontag e Boris Kossoy são leituras-chave no que se refere à fotografia, mas pesquisadores do próprio grupo Olho, como Alik Wunder, são sempre um apoio nas conversas entre a fotografia e a educação. Will Eisner e seus escritos e imagens acerca da arte sequencial nos guia no mundo das histórias em quadrinhos e *grafic novels*.

Para cada nova linguagem ou conjunto de imagens que adentra o grupo, um novo autor se aproxima de nós, gestando conexões insuspeitadas com as demais pesquisas.

- Doreen Massey foi quem nos trouxe alento para relacionar com mais intensidade o espaço geográfico aos estudos sobre as linguagens e as imagens em sua dimensão política, dando sequência à anterior aproximação com o pensamento de Hannah Arendt. Notadamente a concepção do espaço como eventualidade, configurada como feixe de trajetórias em aberto, e sua

proposição de que a concepção de espaço media nossos pensamentos e ações no mundo têm-nos levado a escritos instigantes acerca da participação das imagens na concepção de espaço em nossos dias (globalizado e com uma única história vinculada ao desenvolvimento capitalista).

2 Resumos das pesquisas atualmente em curso

2.1 “Imagens e geografias”³

Pesquisa sobre a relação entre as imagens (notadamente as fotografias, os mapas e as obras audiovisuais) e as geografias que elas criam, entendendo esta criação como um acontecimento vinculado ao processo de educação visual a que estamos submetidos no mundo atual. A intenção é desenvolver, com a participação de alunos da graduação e da pós-graduação, a observação e seleção das imagens que circulam nos meios de comunicação de massa e nos sistemas escolares que, de diversas maneiras, atuam na educação visual de nosso pensamento acerca do espaço geográfico contemporâneo.

2.2 “Notas sobre educação visual do espaço: o caso do Google Earth”⁴

O objeto dessa pesquisa diz respeito às concepções de espaço de futuros professores de Ciências ao empregarmos o visualizador 3D, Google Earth, nas práticas educativas a serem desenvolvidas na disciplina “As imagens geográficas na formação do professor de Ciências”, da Licenciatura em Ciências da Natureza da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Partimos do pressuposto de que saber pensar o espaço não constitui atividade exclusiva de geógrafos ou de professores de Geografia. Desde seu lançamento (junho de 2005), o Google Earth tornou-se um fornecedor de imagens para a sociedade civil. Outrora era impensável o acesso às imagens oriundas do sensoriamento remoto por meio de uma plataforma como a criada pelo Google. Nesse sentido, esta plataforma tem alterado nossas concepções de espaço? Ou, pelo contrário, o tem ratificado como uma *simultaneidade*, tomando aqui emprestadas as palavras da geógrafa inglesa Doreen Massey (2008)?

2.3 “Política espacial das imagens: práticas sociais e discursivas na geografia contemporânea”⁵

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre as categorias geográficas de Espaço, Território, Paisagem e Lugar. Parte-se de um contexto de mundo

³ Pesquisa desenvolvida por Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.

⁴ Pesquisa desenvolvida por Valéria Cazetta.

⁵ Pesquisa desenvolvida por Antonio Carlos Queiroz Filho.

em que se observa a centralidade e intensidade com que se vêm consolidando práticas discursivas e sociais mediadas pela visualidade, a saber, imagens da TV, do cinema e da fotografia, tendo como principal desdobramento dessa relação a produção de novos pensamentos e práticas espaciais a serem investigados pela geografia contemporânea. Para a realização dessas discussões, a pesquisa divide-se em três eixos temáticos: o primeiro deles diz respeito à relação mais direta entre cinema e território; o segundo enfatiza a relação entre fotografia, paisagem e lugar; e o terceiro aborda a TV como produtora e mediadora de pensamentos e práticas espaciais. São resultados esperados desta pesquisa o aprofundamento nas discussões sobre imagem e geografia, a produção de artigos para publicação em revistas científicas e apresentação em congressos e a composição de uma agenda de atividades para a consolidação de um grupo de pesquisa interinstitucional de nível internacional.

2.4 “As imagens cinematográficas e a educação geográfica da negritude”⁶

Pesquisa de doutorado. Sabe-se que a maior parte dos filmes comerciais é produzida com determinado objetivo artístico e cultural; transpor tais obras para a escola é pensar em desenvolver ações e questionamentos que perpassam a cultura, é refletir sobre as ideologias e as práticas sociais presentes, sendo importante o desenvolvimento de reflexões epistemológicas sobre o discurso e as representações do espaço, presentes nas pinturas, nas expressões literárias, nos cartazes e, em especial, nas paisagens dos filmes. Existe um campo amplo de pesquisa sobre a recepção e resignificação do cinema, pois sua utilização apresenta-se em diferentes espaços. Faz-se necessário estabelecer uma relação científica para entendermos a aproximação entre geografia escolar e cinema. O olhar que lançamos sobre a linguagem cinematográfica procura compreender as aproximações do cinema com a geografia escolar e como as geografias criadas pelo cinema cruzam a escola, participam e se embaralham nas geografias criadas pelas experiências. Tais reflexões têm como objeto de análise a discussão da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana na educação escolarizada. No campo cinematográfico, sabe-se que são amplas as produções sobre o continente africano, sendo algumas obras indicadas em livros didáticos de ensino médio.

⁶ Pesquisa desenvolvida por Ínia Franco de Novaes.

2.5 “Cinema e educação: adensamentos e entrelaçamentos no jardim dos caminhos que se bifurcam”⁷

A presente pesquisa de doutoramento encontra-se em fase inicial e tem como objetivo problematizar a formação docente como um lugar do possível, adensado pelas experiências constituídas no entrelaçamento, mas também nos interstícios com o cinema. As fontes a serem analisadas constituem-se em obras fílmicas do neo-realismo italiano do pós-Segunda Guerra Mundial. Para tal, almeja-se operar, por um lado, com o conceito de local narrativo e heterotopia no que se compreende por uma espacialidade constitutiva e, por outro, no que tange à duração, com o conceito de imagem-tempo. As noções fundamentais que remetem diretamente ao sujeito da formação docente e a seus processos de subjetivação dizem respeito aos conceitos de vidência, memória e experiência que se pretende desenvolver, como articuladores entre os campos do cinema e da educação.

2.6 “Fotografias pós-produzidas e ressignificadas: uma possibilidade para pedagogias libertárias na sala de aula”⁸

Pesquisa de mestrado que trata da presença da fotografia digital nas aulas de Geografia do ensino fundamental e médio em uma escola pública situada na periferia de Campinas, e concebe o uso da imagem fotográfica como elemento portador de considerável potencial na busca de práticas calcadas na pedagogia libertária, gestada no cabedal de ideias e práticas do anarquismo. A partir de fotografias digitais de pichações e paisagens da periferia capturadas e pós-produzidas em *softwares* pelos alunos, as quais se tornam obras mais próximas à visualidade da arte que da realidade, propõe-se: entender se estas fotografias dos espaços e acontecimentos da periferia que circunda a escola, e da qual esta recebe seu público, assumem e criam realidades múltiplas de compreensão/apreciação do lugar onde se vive e de como se vive este lugar; compreender como esta experiência de fotografar a realidade vivida e em seguida criar obras onde se rasura e se desfaz esta mesma realidade pode vir a ser uma possibilidade aberta dentro do rigidamente hierarquizado e relativamente fechado corpo da escola; e, em sendo assim, se as obras fotográficas criadas e postas em circulação neste ambiente escolar gestam experiências e processos que tenham, em algum teor, o caráter libertário proposto pela pedagogia anarquista.

⁷ Pesquisa desenvolvida por Karen Christine Rechia.

⁸ Pesquisa desenvolvida por Alexsandro Sgobin.

2.7 “Imagens fotográficas de cidades em livros didáticos de Geografia”⁹

Pesquisa de iniciação científica em andamento. Partindo do pressuposto de que as imagens também educam, e que constituem cerca de metade do material impresso dos livros didáticos contemporâneos, serão analisadas as imagens fotográficas presentes em três coleções didáticas de Geografia. O recorte temático será o da Cidade e a questão central a ser perseguida é: como atuam as fotografias na produção do pensamento acerca do espaço urbano? Perpassando esta questão, outra aparece: quais geografias ganham existência nessas imagens fotográficas? O contexto didático, por não lidar com a linguagem fotográfica como produtora de conhecimento, reforça a ideia da fotografia como prova visual da realidade, como testemunho da verdade, levando os livros didáticos a usarem grande quantidade de fotografias, como se elas estivessem ali com a função meramente ilustrativa de mostrar e provar ao aluno aquilo que está dito no texto escrito. Tanto aquilo que é mostrado nas fotografias quanto aquilo que não o é configura o currículo e o aprendizado proposto pelos livros didáticos, tendo, portanto, certa importância o entendimento de como se vem dando o percurso de pensar o espaço geográfico realizado nas escolas, mediado pelos livros didáticos.

3 Resumos de algumas pesquisas defendidas

3.1 “Prisão, loucura e mapas em fugas: cartografias intensivas em educação”¹⁰

Pesquisa de Doutorado defendida em 2010. A partir da proposição de oficinas sobre Geografia junto aos internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (SC), desenvolveu-se uma pesquisa interessada em *geografias intensivas*. O foco inicial das oficinas era investigar o pensamento geográfico e as articulações espaciais dos detentos com suas vidas restritas ao espaço prisional. O estudo e a produção de mapas, pelos participantes, contou com a emergência de várias outras produções gráficas. Tomadas, num primeiro momento, como ruído, essas produções (desenhos, relatos, fotos), de tão recorrentes, passaram a ser consideradas e tornaram-se o foco mesmo das investigações, na medida em que problematizavam, entre outras coisas, o aprisionamento e a co-extensiva medicalização a que os internos estavam sujeitos, gerando a noção-ferramenta de *mapas*

⁹ Pesquisa desenvolvida por Elaine dos Santos Soares.

¹⁰ Pesquisa desenvolvida por Ana Maria Hoepers Prevê.

intensivos. Nessa noção o conceito de intensivo, tomado de Gilles Deleuze e Félix Gattari, joga um papel central, acompanhado das noções de devir, linhas de fuga (aqui, fugas) e desterritorialização, dos mesmos autores, e dos estudos sobre prisão e loucura de e com base em Michel Foucault. As oficinas colocam-se, portanto, como estratégia educacional interessada na cartografia das contingências e dos processos em que surgem os mapas intensivos. E é com isso que adquire consistência a noção de geografias intensivas.

3.2 “Geografias de cinema em Lugar nenhum na África”¹¹

Pesquisa de mestrado defendida em 2010. O presente trabalho é uma análise do filme *Lugar nenhum na África* à luz de conceitos da interface Geografia e Cinema, notadamente os locais narrativos e os lugares geográficos.

Na busca de ampliar um pouco mais esta noção de lugar, lidando também com a não distinção proposta por Massey (2008) entre lugar e espaço, este trabalho busca nos escritos desta autora algumas possibilidades para o entendimento dos muitos lugares do filme. Desta forma, estarei ao longo do trabalho lidando com as várias possibilidades do sentido da palavra lugar dentro destas duas correntes - cruzada por uma terceira possibilidade indicada por Massey: de ele ser nenhum, como explicita o título do filme, e de ele ser muitos, como poderá ser encontrado na descrição e análise de cada um dos percursos realizados pelos personagens na África do filme.

Como muitos lugares, o filme nos dá a ideia de que cada personagem, em sua relação particular com aqueles locais africanos, experienciou coisas que o tocaram, criou vínculos que tornaram estes locais lugares prenhes de memórias e afetos, enfim, vínculos dos quais estes personagens não mais poderão libertar-se ao longo de suas vidas. Um percurso paralelo pelas cartas do Tarô é uma metáfora para o percurso da vida: do impulso inicial ao desconhecido, do louco, ao encontro com algo maior já existente, o Mundo. Tomaremos estas cartas como maneiras de imaginar - e sintetizar - a parte da vida dos personagens que o filme nos mostra.

3.3 “Festivais de apartamento: cruzamento entre ciberespaço e espaço local, entre imagens e arte”¹²

Pesquisa de mestrado defendida em 2011. Os festivais de apartamento são microeventos, mistos de mostra e festa, que abrigam apresentações de

¹¹ Pesquisa desenvolvida por Paulo Henrique Barbosa de Andrade.

¹² Pesquisa desenvolvida por Rodrigo Emanuel Fernandes.

artistas que adotam as linguagens da *performance art* como forma de expressão, realizados em residências cedidas por “anfitriões” e valendo-se apenas dos recursos disponíveis, intencionalmente sem o suporte de instituições e/ou patrocinadores.

Organizados por uma pequena equipe de artistas/acadêmicos, os festivais são (re)produzidos utilizando o suporte internet e suas ferramentas (*blogs*, redes sociais, *e-mails*) num processo no qual as imagens - fotográficas e fílmicas - dos eventos realizados no passado geram/potencializam/credibilizam os eventos que se desejam realizar no futuro, num movimento cíclico que canaliza e agencia o desejo de indivíduos que se identificam com a linguagem da *performance* e com a proposta do evento, para se conectarem temporariamente num processo de colaboração mútua.

Nesse contexto, as imagens reproduzidas no ciberespaço tornam-se agenciadoras de desejos, apresentam-se como uma forma de sedução narcísica para indivíduos/*performers* que buscam as potências ligadas à efemeridade dessa forma particular de expressão artística, a *performance art*, mas, apesar disso (ou por isso mesmo), valorizam seu registro, sua captura, a eleição de fragmentos foto/fílmicos que adensam em si a memória do momento vivido ou do que ainda se deseja viver.

Na escrita dessa pesquisa, os papéis de produtor e pesquisador do objeto de estudo se sobrepõem, numa tentativa de criar poéticas outras para as fotografias presentes no *blog* do festival, fazendo com que estas derivem de sua condição de documento (registro), criando variações e invenções a partir de conceitos oriundos das histórias em quadrinhos e dos estudos deleuzianos, produzindo dobras para além e para aquém do festival.

3.4 “Narrativas urbanas de um caminhante”¹³

Nesta pesquisa, investigamos um tipo de caminhar sem rumo, desorientado, perdido pelas ruas, como possibilidade à experiência e indicação metodológica de conhecimento de alguns lugares e paisagens do centro da cidade de Campinas (SP). Proposta de um tipo de experiência urbana inspirada na vivência do *flâneur*, imagem apresentada por Walter Benjamin em seus escritos sobre Charles Baudelaire e sobre Paris, capital da modernidade no século XIX. O lugar “centro velho” era, em sua materialidade, um espaço repleto de paisagens marginalizadas: o camelódromo, os prostíbulos, os terminais de transporte urbanos. Lugares também feitos no fluxo de

¹³ Pesquisa desenvolvida por Pablo Sebastian Moreira Fernandez.

transeuntes, no esbarrar com o outro que habita esta mesma cidade, na mobilidade e na fluidez da grande cidade. Tais narrativas foram construídas como percursos pela cidade, em que o pesquisador lançava-se às ruas desta cidade buscando uma vivência urbana: indicando de modo experiencial uma cidade povoada de práticas espaciais e de sujeitos produtores de geografias. Trajetos e trajetórias ricos de sentidos, captados num trabalho de campo caminhante que foi a metodologia de acesso ao lugar. Como expressão destes espaços vividos, compuseram-se imagens e narrativas, construídas em linguagem fotográfica, audiovisual, cartográfica, literária, poética, sonora, impactados com alguma intervenção: ruídos, ranhuras, texturas. A intenção seria a de que estas falas remetessem às marcas, atmosferas, climas, luzes do entardecer pelas ruas deste lugar.

3.5 “Piratas no Tietê: cenários e fundos de cena das HQs”¹⁴

Pesquisa acerca do espaço geográfico, em especial o da cidade, e sobre a possibilidade de utilização dos cenários e fundos de cena dos quadrinhos como elemento narrativo e de articulação dessas histórias, apontando em quais momentos os cenários ou os fundos de cena das histórias em quadrinhos são indícios da realidade além-quadrinhos, ou seja, como estes cenários e fundos de cena acionam imagens, situações vistas ou vividas por nós, bem como ocorre a realização das passagens entre as narrativas em HQ e as demais experiências e memórias visuais que possuímos.

Como meio de aproximar ideias acerca do espaço urbano e de como esses cenários e fundos de cena, elementos fundamentais da narrativa das HQs, são articuladores da linguagem, escolhemos as HQs *Piratas do Tietê*, de Laerte Coutinho. Nesses quadrinhos, a cidade está mais próxima do estudo a que nos propomos, já que é elaborada a partir de uma cidade real - São Paulo, amplamente conhecida e que permite encontrar os elos entre a “cidade real” e a dos quadrinhos, bem como a imbricação de seus sentidos e formas. A cidade que aparece nos quadrinhos se dobra sobre a cidade real, uma vez que ela é um “discurso”, uma narrativa sobre ela e com ela, uma vez que vai sendo aludida em muitos de seus elementos paisagísticos e sociais. Os Piratas do Tietê são personagens que circulam e vivem na cidade de São Paulo, compõem essa cidade tanto quanto as pessoas que nela estão. Mas, para além de ser um texto que circula por São Paulo, ele é constituído por ela, a cidade se manifesta nestas HQs, com suas formas, seus ritmos, suas tensões e ironias.

¹⁴ Pesquisa desenvolvida por Elaine Aparecida Barreto Gomes de Lima.

Referências

- ALMEIDA, M. J. de. *Cinema: arte da memória*. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- _____. A educação visual da memória: imagens agentes do cinema e da televisão. *Pro-posições*: publicação da Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas, SP, v. 10, n. 2 (29), p. 9-25, 1999. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/29-artigos-almeidamj.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2010.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense: Edusp, 1981.
- _____. Crise na educação. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 221-247.
- BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Kafka, para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GODOY, A. *A menor das ecologias*. São Paulo: Edusp, 2008.
- KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LARROSA, J. Agamenon e seu porqueiro - notas sobre a produção, a dissolução e o uso da realidade nos aparatos pedagógicos e nos meios de comunicação. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piroetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 149-168.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA JÚNIOR, W. M (Org.). Dossiê A educação pelas imagens e suas geografias. *Pro-posições*: publicação da Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas, SP, v. 20, n. 3(60), 158 p. set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/edicoes/sumario46.html>>. Acesso em: 20 out. 2010.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G.; PAES, M. T. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 11, n. 2: Imagens, geografias e educação, 2010. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/146>>. Acesso em: 3 abr. 2011.
- PASOLINI, P. P. *Empirismo herege*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.
- _____. Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In: _____. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 125-132.
- PELLEJERO, E. *Ficciones políticas y políticas de la ficción: la sociedad como una*

WENCESLAO MACHADO DE O. JÚNIOR

trama de relatos. 2008. Disponível em: <cfcul.fc.ul.pt/equipa/3_cfcul_elegiveis/eduardo%20pellejero/eduardo%20pellejero.htm>. Acesso em: 3 abr.2010.

_____. *A postulação da realidade*. Lisboa: Vendaval, 2009.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 1995.

ROLNIK, S. *Geopolítica da cafetinagem*. 2006. Disponível em: <<http://transform.eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt?>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

_____. Pensamento, corpo e devir. *Cadernos de subjetividade*: publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade/PUC, São Paulo, v. 1, n. 2, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, 112 páginas.

_____. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

TARKOVSKI, A. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VATTIMO, G. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.

WUNDER, A. *Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escola*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

WUNDER, A.; DIAS, S. Deslizes pela superfície do acontecimento fotográfico. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 36, n. 1, p. 157-174, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/index.php/reu/article/view/469/470>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas, SP: Edunicamp, 2007.
